

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

A CINEMATECA COM O DOCLISBOA: CARLOS REICHENBACH

13 de Outubro de 2022

BENS CONFISCADOS / 2004

um filme de CARLOS REICHENBACH

Realização: Carlos Reichenbach *Argumento:* Daniel Chaia, Carlos Reichenbach *Fotografia:* Jacob Solitrenick *Som:* Romeu Quinto (*directo*), João Gosot, Eduardo Santos Mendes (*adicional*) *Montagem:* Cristina Amaral *Misturas:* José Luís Sasso *Música:* Ivan Lins *Arranjos, Direcção Musical:* Nelson Ayres *Canção:* “Sonho e Saudade” (*letra e música* Tito Madi, *interpretada por* Virgínia Rosa) *Guarda-roupa:* Paula Iglecio *Interpretação:* Betty Faria (Serena), Renan Gioelli (Luis Roberto), Beth Goulart (a mulher do político), Werner Schünemann (Américo Baldani), Antonio Grassi (Paulo Hermes), Eduardo Dussek (Miklos), André Abujamra, Ângela Correia, Bira Valdez / *participações especiais;* Marcelo Bortotto, Fernanda Carvalho Leite, Marcia de Oliveira, Nathalia Lorda, Marina Person, Eugenio Puppo, etc.

Produção: Supernova Produções Artísticas, Casa de Cinema de Porto Alegre *Co-produção:* Rio Filme (Brasil, 2004) *Produtoras:* Sara Silveira, Betty Faria *Produtora executiva:* Maria Ionescu *Estreia:* 22 de Outubro de 2004, na 28ª Mostra Internacional de Cinema de São Paulo *Cópia:* Cinemateca Brasileira, 35 mm, cor, versão original em português do Brasil legendada electronicamente em inglês, 108 minutos *Primeira apresentação na Cinemateca.*

O penúltimo filme de Carlos Reichenbach começa embalado num samba triste. A música difere uns segundos do grande plano de uma mulher de olhos vazios no contra-campo da paisagem urbana rodoviária de São Paulo que, por instantes, e pela quase hipnose sonambúlica, lembra Cronenberg (a varanda de *Crash* com vista sobre um novelo de auto-estradas canadianas). Depois da vista geral, o terceiro plano volta à mulher de olhos vazios e damos pela posição alta sobre o precipício da cidade quando, mostrando melhor a brisa de vento na varanda, a câmara sobe principiando um igualmente hipnótico movimento rotativo de 360 graus a captar a verticalidade do cenário e a pulsão suicidária que ali paira. O *raccord* faz-se com o interior do apartamento, em que a vertigem continua e a razão da tragédia (uma elipse) é manchete d’*O Estado de S. Paulo* no qual pega o rapaz entretanto descido da escada em caracol: “Mulher de senador detona escândalo.” A sequência termina voltando à varanda e a vistas da cidade. A seguir, *Bens Confiscados* muda de tom, a acção começa, o filme instala-se distante da capital (para os lados de Rio Grande do Sul), com outras cores e outros dramas, mais personagens. A dita mulher do político detonadora do escândalo – e da narrativa – fá-lo na televisão, sendo essas imagens, rudes, o terceiro ambiente visual do filme. Uma interferência sempre que, a espaços, rompe a fluidez do melodrama.

“Para mim, roteiro é mapa de filmagem, é um guia quatro rodas. O que determina a mise-en-scène é o local e o momento da filmagem. [...] Eu enxergo a filmagem como uma cidade a ser desvendada; eu preciso me perder nela para conhecê-la.” Numa entrevista dada a Sérgio Alpendre para publicação na revista *Paisà* em 2006, Carlos Reichenbach discorre sobre a sua relação com o cinema enquanto realizador e espectador cinéfilo, e é assim que fala do trabalho com técnicos, actores e outros colaboradores artísticos, elogiando a cumplicidade e a possibilidade de uma combinação feliz. “Sinceramente, eu não entendo como um diretor pode contratar alguém que esteja em diapasão diferente para fazer a música do filme que ele levou anos para conceber. E, confesso, se há coisas das

quais eu tenha um ciúme quase doentio são dos meus enquadramentos, dos movimentos de câmara, da minha visão de mundo e da musicalidade da minha linguagem fílmica.” Em *Bens Confiscados*, além do novo encontro com a actriz, aqui também produtora, Betty Faria depois de *Anjos do Arrabalde* (1987), e com Beth Goulart com quem já filmara em *Dois Córregos* (1999) e neste caso interpreta a denunciante, o realizador conta com o entendimento dos seus directores de fotografia e musical Jacob Solitrenick e Nelson Ayres, aliados de outros filmes em duas áreas que Reichenbach dominava como estimava. Sente-se o acerto.

A história em três actos de *Bens Confiscados* lida com corrupção, poder, abuso público e íntimo, protagonizada por uma mulher de meia-idade enfermeira de profissão e um rapaz adolescente ligados pela mesma figura do tal político corrupto que fora amante dela (Serena, interpretada por Betty Faria) e é pai incógnito dele (Luis Roberto, a personagem de Renan Gioelli). Espera-se deles que esperem, o tempo dos ânimos acalmarem na imprensa e na opinião pública em nome da salvação do homem que Serena parece acarinhar e Luis Roberto odiar. Não se conhecem, são trazidos do Rio de Janeiro e São Paulo pelo mesmo assessor-conserta tudo do senador que os deixa na casa isolada do interior com o casal do brutamontes e da rapariguinha (Lobo e Penha) e dali os leva quando a coisa corre mal para o hotel à beira-mar onde se dá o desfecho, cruzado entre protagonistas e secundários. É na cidadezinha costeira, terceiro cenário do filme, que um vistoso cartaz de *All I Desire*, o Douglas Sirk de 1953 com Barbara Stanwyck, surge em campo em dois ou três planos casando com o espírito dramático do filme. Em *Bens Confiscados*, atravessado pelo lastro da reflexão sobre a condição histórico-sociológico-política que parece ser transversal ao cinema de Reichenbach, a personagem de Betty Faria, aparentemente em controle da situação mesmo se em perda desde o início, é avassaladoramente apanhada na teia dos acontecimentos, alinhando com o destino da libertação encarcerada de Penha, a rapariguinha casada com o brutamontes a cuja violência por fim responde na mesma fatal moeda.

Filme crivado de reflexos e sangue, em que houve já quem notasse um duríssimo olhar político – e como mais violento do que o brutamontes a personagem mais sinistra é o assessor de polida aparência –, *Bens Confiscados* é organizado a partir de uma matriz “clássica” que vai desfazendo irremediavelmente os pressupostos da protagonista. Em desamparo.

Maria João Madeira